



## Faça uma pose gay

Anna Amélia de Faria  
Profa. da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e Psicanalista

Apresento o resultado de minha pesquisa de pós-doutorado, finalizada no ano de 2013, no PPG-Artes da UnB, para discutir as questões identitárias que movem o imaginário gay; entendendo essas questões enquanto construtos sociais mais ou menos reconhecidos e avalizados. *Faça uma pose gay*. Com essa frase, produzi uma série de imagens de rostos e um jogo, em que a identidade torna-se um elemento que adere a uma ideia produzida em imagem. Ver-se em certa notação sexual e posar à minha câmera, após a frase proferida, criou um evento, e a pose do rosto, capturado pela lente, exibiu um território identitário. Utilizei, na confecção do texto, teorias do pós-estruturalismo e *queer*, como produções capazes de demonstrar ordenamentos mais ou menos consolidados, que ativam ou deprimem modos de ser, de *sexuar*, de se afetar. Entendo que a tradição e a força da visibilidade são capazes de convocar e contribuir, de muitas formas, para as conjunções identitárias, e que estas também criam condições e condicionamentos para o exercício, intermitente, das singularidades.

Palavras-chave: gênero – sexualidade – rosto.

*Faça uma pose gay*. Foi desse modo que quis montar a proposta de pós-doutorado na PPG-Artes da UnB em 2012. Depois de trabalhar com a *performer* francesa Orlan, no doutorado, conjuguei, desde minha entrada na academia, o trabalho artístico alheio com certos rumos teóricos. No mestrado, aconteceu com Fernando Gonsales e seu mundo *Níquel Náusea*. Depois, no pós-doutorado, quis arranjar um outro jeito de elaborar uma pesquisa, procurei montar o meu objeto de arte e entrelaçá-lo à teoria. Vários níveis de produções de interesse e produção se consubstancializaram: as fotografias tiradas por mim, o encontro com os fotografados, as tessituras teóricas, tudo isso me propiciou novas experiências. A mais interessante foi a de ter de elaborar um objeto, com função e amplitude suficientes, para ser analisado no manejo de determinadas teorias, outra experiência se relacionou ao ver e analisar as fotos, atribuindo à imagem concatenações sensíveis e intelectuais. No momento da confecção de meu objeto de pós-doutorado – constituído nas várias fotos de pessoas que posaram para a câmera, após eu dizer: *faça uma pose gay* –, prescindí da univocidade reflexiva, mantida na identidade lisa e correspondente da prática da sexualidade e do gênero dos participantes. Aos posadores, não houve perguntas e/ou qualquer emparelhamento sobre quem era ou não era gay, ou mesmo algum tipo de vinculação direcionada ao interesse afetivo/sexual deles. Propus um jogo e simulacro, de encenar e montar evento, pois entendo que posar evidencia uma série de colateralidades de afirmação: trazer em si, expor em si, sensibilizar-se. Ao não discriminar, taxionomicamente, o gay do não gay, todos os que posaram eram, naquele instante da foto, gays.

O momento inaugural, de construção do objeto, foi suficiente para animar a articulação com algumas teorias. Levei autores que tratam, de maneira não necessariamente convergente, alguns elementos que destaquei para analisar: rosto, imagem, gênero, construção de si, evento, identidade, sexualidade, pedagogias. Utilizei Gilles Deleuze, Emmanuel Levinas, Michel Foucault, Judith Butler, Susan Sontag, para refletir o rosto enquanto elemento ativo e performativo, desessencializado, transformando inscrições e existências. Em Deleuze, montagens da rostidade são determinadas pelos dispositivos conceituais da significância e da subjetivação; a primeira necessita de um *muro branco* para que haja inscrições e a segunda precisa de um “buraco negro onde se aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias”. (DELEUZE, 1996, p. 31) De cara, Deleuze desmonta a usual ideia do rosto inativo – há nele uma trama – e demonstra o rosto comovido nos agenciamentos da rostidade, em que vincos e marcas são indexados em um sistema operante. O rosto será também montado a serviço da reflexividade – o *muro branco* em que a significância retorna àquele que o assiste –, do *ricochetear*, o movimento por onde a linguagem trafega, um bate-volta. Há um paradoxo no rosto que vemos, tanto comove o elemento esvaído de classificação totalizante, quanto aparece, na visada do rosto, a possibilidade de criar um comum, uma redundância, por meio do constante ondear que, na repetição e frequência, auferem consistência à língua geral, transformando o rosto em rostidade, composta com o outro operador deleuziano, o da subjetivação, *buraco negro* por onde terá de passar subjetividade como consciência ou paixão. (DELEUZE, 1996, p. 32).

A elaboração do material fotográfico, e certas abordagens teóricas, permitiram a associação a questões políticas ligadas ao gênero, identidade e sexualidade. Sabendo que a homofobia, em nosso país, está longe de ser erradicada, ou mesmo controlada, entendo ser a visibilidade uma poderosa estratégia de inclusão. Sabemos da existência de ativas orquestrações – por parte de segmentos políticos/religiosos, conservadores e intolerantes – que renegam e atuam para invisibilizar aqueles que existem fora do modelo heteronormativizado. Uma infeliz ocorrência aconteceu quando o texto estava quase pronto: uma medida política, que demonstra a mentalidade inapta para lidar com assuntos da diversidade sexual, foi tomada por deputados federais brasileiros. No texto principal do projeto de lei do Plano Nacional de Educação, aprovado em 22 de abril de 2014, excluiu-se a promoção de questões relacionadas às *desigualdades raciais, regionais, de gênero e sexuais*. Vemos um Brasil dividido entre intolerantes, militantes LGBT e intelectuais que se ocupam dessas questões, bem como organizações nacionais e internacionais que corroboram a importância da inclusão da diversidade e de gênero. A pluralidade, no tocante à sexualidade e gênero, significa garantir a vida, em um repertório não verticalizado que, muitas vezes, fica ordenado por poucos, com interesses predeterminados e separatistas.

“Nesse mundo sem multiplicidade, a linguagem perde toda a significação social,” (LEVINAS, 1980, p. 194).

Vemos embate entre o conservadorismo de alguns e o reconhecimento para que seja garantida a existência de outras formas de sexualidade, em que as singularidades que transitam nessas formas não “oficiais” possam viver, sem medo das perseguições ameaçadoras. Essa tensão se publiciza nas várias discussões ligadas à equidade, que deve estar na agenda, principalmente, na área da educação. No ano de 2009, MEC e UNESCO editaram o volume 32, da coleção Educação para Todos, *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*, organizado por Rogério Diniz Junqueira<sup>1</sup>. O livro conta com artigos de vários intelectuais – dentre eles, Guacira Lopes Louro, Luiz Mello, Denílson Lopes e outros igualmente ativos e produtivos no campo da educação – e questões voltadas às teorias que versam sobre gênero, identidade, sexualidade. Reconhecer a importância de diferenças para tratar com igualdade deve ser, portanto, parte de uma política voltada à equidade, e a escola é um dos lugares primordiais para se lidar com o tema. Na escola, coabitam *aprendizagens* e horror, pois agressões homofóbicas e lesbofóbicas são, para muitos, as primeiras aprendizagens, que irão marcar-lhes pela vida toda. O se querer invisível, quieto, tímido, foi e é estratégia de sobrevivência de inúmeras pessoas, em resposta às agressões diárias, concretizadas ou potenciais; violências que fazem morrer tantos completamente capazes de amar e de investir na vida. Vidas interrompidas em decorrência de crimes motivados pelos sexismo, homofobia e transfobia.

O Grupo Gay da Bahia (GGB) divulga mais um Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil (LGBT) relativo a 2013. Foram documentados 312 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo uma transexual brasileira morta no Reino Unido e um gay morto na Espanha. Um assassinato a cada 28 horas! Um pequeno decréscimo (-7,7%) em relação ao ano passado (338 mortes), mas um aumento de 14,7% desde a posse da Presidenta Dilma. (Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2013/14 <<http://www.midianews.com.br/storage/webdisco/2014/02/14/outros/747486191270d149b81fdfe548b921d1.pdf>> Acessado em 23 de Abril de 2014.

Necessitamos desenvolver formas de não deixar morrer, organizar mecanismos sociais, legais e singulares, vivificantes para impedir execuções, com pedagogias alternativas, mais capazes de garantir a existência das diferenças do modelo machista e das suas normatizações imoladoras. Ampliar condições de existir e não apenas sobreviver. Assim, me reconheço textualmente no lugar de educadora e, com meu trabalho de fotógrafa amadora, quis narrar o meu reconhecimento, solidariedade e parceria. Eu, participante,

---

<sup>1</sup> Pesquisador Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Link do livro: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>. Acessado em 23/04/2014.

inConsciente e testemunha desse mundo machista e autoritário, pretendi, no ato de fotografar, feminilizar, com um olhar não profissional, as apresentações dos participantes que quiseram revelar, ao meu olho/câmera, na concretude material do registro, a substância do texto, encarnando uma topologia inventiva que se fez valer em canal estético, evento temático e montagem; combinando coligações em paralaxe, para me distanciar das perigosas e imobilizadoras certezas narcisistas, exibidas no saber o *quê* e *como*. O desejo maior foi o da contiguidade do corpo a corpo, ainda que mediado pelo olho/lente. Quisemos então, no horizonte do consentimento, a aproximação das extensões, e, no entre nós, o sentimento de sim.



Figure 1

“O rosto recusa-se a posse dos meus poderes.” (LEVINAS, 1980, p. 176)

Na figura 1, o olhar não fixa a lente, volta-se para cima, no ambiente fechado não há céu, mas um teto próximo. No sorriso leve e no olhar, combinam-se uma paródia das imagens sagradas, aquele que espera pelas benesses do alto. No olhar banhado pela luz histórica dos locais comerciais, já se sabe que benesses não virão. Talvez, por isso mesmo, o rosto insinua um riso, banhado pelas marcas de luz e sombra, capazes de deixar ver. Nada no rosto está totalmente oculto, a forma está íntegra, mesmo quando a sombra lhe marca. Pode se considerar uma ironia, sobreposição de outro riso. Fazer uma pose gay desafia o apagamento, o extermínio, mesmo quando a sombra, metáfora de muitos *nãos*, se

cola. *Está na cara*. O que está *na cara*? Uma rostidade, de significação e subjetividade. Uma emoção subjetiva atravessa o buraco negro, exibindo o comum do riso. Conhecemos o riso, ele é gesto familiar, riso sem dentes, nada ameaça e trafega, chamando pela simpatia conectiva e suplementando essas associações, o rosto está em um inclassificável, nunca totalizado/domesticado na palavra.

Para conectar a vida, não se pode eclipsá-la em classificações que a diminuem, ela deve girar, cruzar, forjando-se em diferentes formas materiais de ser. Levinas escreveu que “A eufania do rosto é ética.” (LEVINAS, 1980, p. 178). É imprescindível reconhecer que o outro é uma medida de visão, do acontecimento e reconhecimento na linguagem do positivo, um compromisso ético que se instala na perspectiva da referida colaboração do fazer viver. Essa luz que assenta acontecimentos, e fia a positividade, é uma política. Luz e registro fotográfico foram escolhidos para tratarem do tema da sexualidade, e a palavra gay, veiculada como significante da mentalidade corrente, distingue gay da sexualidade do sujeito hétero.

Considerando o binômio visão e existência, não se deve suprimir ou negar determinadas palavras em um arranjo político/social, pois, se, no âmbito singular a realidade do si expande e ultrapassa as medidas, de algum modo, toda singularidade é uma margem; já nas marcas mais coletivizadas, abandonar coletivos e minorias não as nomeando – apesar dos paradoxos e questões que a delimitação que o nomear provoca – é um assassinio. A falta desse reconhecimento linguajeiro responde a processos danosos em que a repressão, decorrente do ocultamento, irá gerar sofrimento e violações. Isso posto, não vale excluir, e, lembrando a supressão ocorrida após três anos de tramitação para providenciar o texto final para o Plano Nacional de Educação, a medida tomada pelos deputados federais – que deveriam zelar não apenas pelos interesses de grupos, mas de toda população – significou, na interessada maneira de agir, uma monstruosa e mortífera desconsideração. Impede-se que haja a, tantas vezes necessária, redundância trazida por Deleuze, que permite o reconhecimento importante para a criação de uma linguagem do fazer viver.

Quando não há caminho para o reconhecimento, quando modos de fazer, distanciados por verdades excludentes, pontuais e provisórias, violam a afirmação do ser, certas vidas perdem o valor, na medida em que adentram no índice da *inutilidade*. Giorgio Agamben toca no tema, ao escrever sobre a vida nua, a vida *matável*, devidamente explicada por seu tradutor, em nota sobre a condição de haver uma violência aceitável. A desconsideração arbitra sobre a vida do *homo sacer*, aquele não pode ser sacrificável, mas pode ser exterminado.

*Uccidibile*, no original, de *uccidere* “matar ou provocar a morte de modo violento”. Introduz-se esta forma um tanto curiosa do verbo matar por fidelidade ao texto original, e que equivaleria a exterminável, no sentido de que a vida do homo *sacer* podia ser eventualmente exterminada por qualquer um, sem que se cometesse uma violação. (AGAMBEN, 2002. p. 194)

Isso torna perceptível e facultável que os *saccer*, os da vida nua, possam ser dela varridos, como tarefa de alguma obscura forma de política. “A novidade da biopolítica moderna é, na verdade, que o dado biológico seja, como tal, imediatamente biopolítico e vice-versa.” (AGAMBEN, 2002, p.155). Biopoder e biopolítica: entende-se biopoder enquanto medidas sistematizadas no Estado, modos para formalizar e consentir tecnologias que auferem poderes mortíferos. Michel Foucault, no curso *Em defesa da sociedade*, na aula de 17 de março de 1975-1976, fala do biopoder, ao discursar sobre o poder do Estado no século XIX. São marcas que podemos reconhecer nos nossos dias.

Portanto, estamos num poder que se incumbiu tanto do corpo quanto da vida, ou que se incumbiu, se vocês preferirem, da vida em geral, com o pólo do corpo e o pólo da população. Biopoder, por conseguinte, do qual logo podemos localizar os paradoxos que aparecem no próprio limite de seu exercício. (FOUCAULT, 2002, p. 302-3)

A biopolítica, outro conceito criado por Foucault, surge enquanto disciplina da organização, entendida como tecnologia do poder que irá se ocupar do humano enquanto espécie, sobre a qual o biopoder irá se instalar. A biopolítica, iniciada no século XVIII, possui dispositivos de ordem devidamente solidificados no século XIX.

Depois de anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana. (FOUCAULT, 2002, p. 289)

Vemos difundido um modelo de Estado – que faz viver quem interessa, e deixa morrer os indisciplinados e anormais, os não maquínicos funcionais – que ocupa-se da vida, atentada em todos os seus domínios, através de técnicas de disciplina e regulamentação, “do orgânico ao biológico, do corpo à população,” (FOUCAULT, 2002, p. 302).

Vê-se como certos grupos, possuidores de poder de Estado, valem-se de distintas narrativas para confeccionar novos textos, que justificam suas intolerâncias fóbicas em nome de algo mais *puro, natural e normal*. Em confronto com tais operadores de exclusão, produzi uma adulteração da ideia essencializante, com o entendimento de que, tratando-se dos corpos e vidas mais e/ou menos prestigiados, o que os assevera e os mantém pode, em outra virada de mentalidade, passar; em consequência, como já disse, de interesses determinados. Pois o que comove, na produção de si, é a invenção, esta é prova dos nove. Esse rumo despertou meu interesse para tirar as fotos. Quis, com a frase – *Faça uma pose*

gay, visualizar a existência em dividida, evanescente e fixada no *frame*. Ao estimular o posador, e provocá-lo para que ele se acionasse em uma pose, em invenção e incorporação, apostei nessa mescla para capturar a rostidade, com todo perigo das caretes que esta traz, e me consolei na satisfação de produzir um jogo, e na vontade de mostrar, do jeito que pude, a afirmação do bom encontro e da existência de um si, na medida em que, no momento do clique, todos foram gays; se quem posou se aceitou na posição gay e, como escrevi, quem aceitou participar do trabalho, ao posar, foi. Quero articular o gay enquanto posição, pose e impostura compreendida em tensão com um Estado que, na negligência, deixa morrer. Mas, se há a pose de gays e/ou não, a pose, no meu trabalho acadêmico, evidencia, na participação, o acolhimento, em si, do gay. O rosto, na pose gay dos fotografados, moveu-se em colaboração. Havia um se ajeitar, um pensar e um exibir-se. Entendo esses pequenos tempos na voltagem de exercícios de si, de manejar, no buraco negro da subjetivação, a sexualidade gay. Para Judith Butler, está claro que o gênero e o sexo não escapam da discursividade. Entretanto, o modelo biológico apresenta-se como algo concernente a uma anterioridade, *semblant* de ser, quer, enquanto elemento neutro e grau zero, ficcionalizados na poderosa narrativa científica biológica, arranjo de outros discursos que instalam essa narrativa, em um modo pretensamente pré-discursivo e, por isso mesmo, confere a falsa impressão dela não estar sujeita a oscilações e incertezas. (BUTLER, 2003)

Porém, no rápido exercício de lembrança das singularidades, em que frequentemente, a modelação, atada à heteronormatividade, ocorre, vemos os corpos das crianças serem coagidos, através de humilhações e ameaças em nome do adestramento ao suposto natural/normal, até que se sedimente a internalização de deterministas modos de agir, em conformidade com o gênero, e que são estipulados socialmente. A criança, desde cedo, irá ter, em seu corpo, tatuagens sonoras, para que seja domesticada, e para caber na regra sexo/gênero, com as sinalizações punitivas e modelizantes, preenchidas por valores fixos, em que o bom e o mau modo escancaram-se, apresentando o sem fundo da construção de gênero.

“Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero se expresse ou se exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade.” (BUTLER, 2003, p.199)

Lembremos mais uma vez: *fecha as pernas, menina não pode ficar com as pernas abertas igual a homem. Seja mais cuidadosa, está parecendo um macho. Andando de perna aberta, isso é coisa de homem. Olha que machinha!* Para os meninos: *não cruze as pernas, isso é coisa de mulherzinha. Homem não chora. Dá porrada em quem te bate, senão vira*

*bicha. Não desmunheque!* Essas lembranças não são somente parte de um drama singular, **compõem um projeto.**

Wittig entende o gênero como operações do “sexo”, em que o “sexo” é uma injunção obrigatória de que o corpo se torne um signo cultural, de que se materialize em obediência a uma possibilidade historicamente delimitada, e que o faça não uma ou duas vezes, mas como um projeto corporal contínuo e repetido. (BUTLER, 2003, p. 199)

A proposta foi a de conduzir, em diálogo imagético, questões ligadas à sexualidade, à arte, à ética, e atentar, formalizando essas questões, para a montagem de atos de *pose gay*, dobrados, no acontecimento e momento de aceitação de fazer a foto como produção de si. Intentei, nessa parceria, chamar o ato performativo, que se instaura no gesto existencial, de superfície vária, e fora de qualquer condensado de interpretação única: rosto equívoco, rosto artístico, resto e risco se, capturados no *frame*, incapazes de se reproduzir em acontecimento. E todas as produções trazem essa vitalidade não essencial. Na mediação da imagem, captei uma sensibilidade, um sim, e não uma hermenêutica. Ver mais, ouvir mais, sentir mais. “No lugar de uma hermenêutica nós precisamos de uma arte erótica.” (SONTAG, 1966. p. 15). O que poderia ser útil para criar uma pedagogia em que mais caibam, uma pedagogia *queer*.

Nessa altura – depois de ter discutido certas pontes, por onde trafegam formas movediças e processuais da identificação, vista como modelada, que acontece assimetricamente nas feitura inventivas, e mais ou menos presa a certos construtos identitários – objetivei comprometer o falso status de inaugural. Das poses, vi o movimento, a ocorrência do ato performativo, em que o posador, ao incorporar-se gay, era; e *ser ou não ser* não foi a questão. Se todas as marcações de gênero decorrem de repetições, todas são falsas, na medida em que estamos, como seres de linguagem/cultura, presos a esses enredos. Susan Sontag, no artigo *Notas sobre o Camp*,<sup>2</sup> escreveu sobre a impostura do camp, ligado ao inatural, ao artifício e ao exagero, concluindo que não há identificação fora do âmbito da criação e do artifício. Destarte, o jogo retórico *faça uma pose gay* é um jogo *camp*, pois a pose falsa desnuda o falso que condiciona todas as marcas de gênero e sexualidade, no exercício excêntrico em que acolhe a todos. Concluo, sem mais palavras, com um anjo *kitsch*.

---

<sup>2</sup> As traduções dos textos de Susan Sontag são minhas.



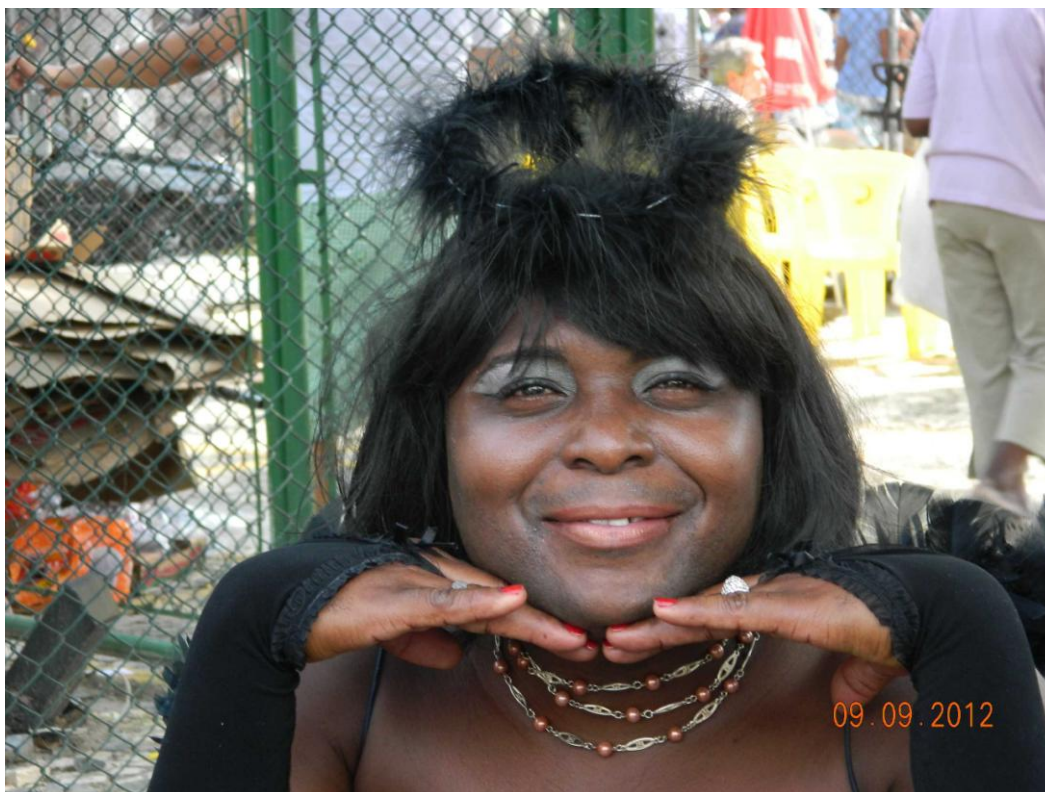


Figure 2

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGENCIA PATRÍCIA GALVÃO <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/03/relatorio-homicidios-lgbts-2013.pdf>

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. Capítulo 7 Ano Zero – Rostidade In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Coleção Educação Para Todos Vol. 32. Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. Rosto e ética. In: *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

SONTAG, Susan. *Against interpretation: and other essays*. New York: Picador, 1966.